



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Interseções entre gênero e religião: evangélicas feministas e a luta contra o conservadorismo cristão.

Autoria: Polyanny Lílian do Amaral Braz (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Os estudos das ciências sociais tem cooperado para o alargamento do conhecimento sobre as relações de gênero o que, por sua vez, contribui com a luta contra as diversas formas de desigualdades presentes na estrutura social brasileira. No entanto, ao passo que se amplia o conhecimento científico, nota-se também o aumento de um (neo) conservadorismo que ameaça as conquistas relativas às questões de gênero. Tendo em vista os recentes acontecimentos (desde o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2015) e a atual conjuntura política brasileira (com a nomeação do presidente Jair Bolsonaro nas eleições de 2018), apontamos que a virada fundamentalista da extrema-direita, marcada pelo conservadorismo, é percebida em parte considerável do campo evangélico. Assim, a interpretação religiosa que age sobre o posicionamento ético-moral deste grupo teve importante impacto no campo político brasileiro. Ao constatarmos que os cristãos evangélicos não formam um todo homogêneo, antes tem dissensões teológicas e em seus costumes e práticas, observamos uma maior divergência entre os posicionamentos deste grupo: de um lado, evangélicos conservadores; de outro, evangélicos que lutam por derrubar o estereótipo conservador. Dentre estes últimos, estão mulheres evangélicas que se declaram feministas e reivindicam a pauta do movimento feminista dentro do ambiente religioso protestante. Destarte, este work tem como objetivo analisar, sob o ponto de vista de alguns movimentos de evangélicas feministas e da produção de algumas teólogas feministas, as interseções entre religião e gênero, ponderando a apropriação de ideias e ações feministas por parte das mulheres evangélicas que cooperam para o desenvolvimento de certo comportamento crítico e reacionário que interfere na vida prática religiosa destas mulheres e colabora para a construção de um ethos



cristão feminista que vai à contramão do estereotipado conservadorismo evangélico. Chamamos ao debate a crescente visibilidade e os impactos desses movimentos numa reconfiguração do campo evangélico brasileiro.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: